**Andre Melo
Mendes**
UFMG - Universidade Federal de
Minas Gerais

Raquel Dornelas
Universidade do
Estado do Rio de
Janeiro

**Narrando a corrida
presidencial: política e
acontecimento público
em revistas jornalísticas
durante o segundo turno
das eleições de 2018**

**Narratives about
presidential race: politics
and public event in
journalistic magazines
during the second round
of the 2018 elections.**

**Narrando la carrera
presidencial: política y
acontecimientos públicos
en revistas periodísticas
durante la segunda vuelta
de las elecciones de 2018**

RESUMO

Este trabalho analisa narrativas sobre a última disputa presidencial brasileira nas capas das revistas “Veja”, “Istoé” e “Carta Capital”. O aporte conceitual fica a cargo dos estudos de acontecimento, nas perspectivas de Quéré e França, bem como das noções de enquadramento/quadros de sentido de Goffman. O fenômeno conhecido como “bolsonarismo” se apresenta como categoria analítica central – e será tratado enquanto acontecimento público, ou seja, capaz de afetar e suscitar respostas de uma coletividade. O método de análise se ampara em França e Lopes, para quem um dos caminhos possíveis para se estudar o acontecimento seria pela via dos sentidos e quadros acionados por eles.

Palavras-chave: eleições 2018; acontecimento; enquadramento.

ABSTRACT

This paper analyzes media narratives about the last Brazilian presidential disput on the magazines “Veja”, “Istoé” and “Carta Capital” covers. As theoretical support was used the studies on the event in the perspectives of Quéré and França, as well as of the notions of framing/frames of meaning by Goffman. The phenomenon known as “bolsonarism” is a central analytical category - and will be treated as a public event, capable of affecting and eliciting responses from a collectivity. The method of analysis is based on France and Lopes, for whom one of the possible ways to study the event would be through the senses and pictures triggered by them.

Keywords: 2018 elections; event; framework.

RESUMEN

Este trabajo analiza narrativas mediáticas sobre la última disputa presidencial brasileña en las portadas de las revistas “Veja”, “Istoé” y “Carta Capital”. El aporte conceptual se basa en los estudios de acontecimiento, en las perspectivas de Quéré y França, así como de las nociones de encuadre/cuadros de sentido de Goffman.

El fenómeno conocido como “bolsonarismo” se presenta como una categoría analítica central, y será tratado como un evento público, capaz de afectar y obtener respuestas de una colectividad. El método de análisis se ampara en França y Lopes, para quien uno de los caminos posibles para estudiar el acontecimiento sería por la vía de los sentidos y cuadros accionados por ellos.

Palabras clave: elecciones 2018; evento; encuadre.

Submissão: 23-2-2019

Decisão editorial: 22-5-2019

Introdução

As eleições de 2018, no Brasil, foram marcadas por uma grande renovação do Senado e do Congresso e a "surpreendente" vitória de Jair Messias Bolsonaro, um político com um discurso radical de direita, simpatizante da ditadura, que se declara abertamente a favor do armamento da população, da tortura como prática legítima, além de se opor à conquista de direitos de minorias, como os da comunidade LGBT.

Eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro por sete vezes (1991-2018), durante a maior parte da sua carreira foi considerado um político do segundo escalão em Brasília. Sempre polêmico, frequentou programas de TV e de rádio de diversos os tipos, valendo-se de todas as oportunidades para se tornar conhecido. Seu jeito abrutalhado e suas ideias ultraconservadoras, que causavam horror aos progressistas, o projetaram nacionalmente, chamando a atenção de um grupo de eleitores insatisfeitos com o poder público em relação à violência e à corrupção. Favorecido pela intensa campanha da grande mídia de desconstrução do governo Lula e da associação do PT à corrupção no governo, Bolsonaro ganhou grande destaque nacional durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff (2016) quando chamou de herói o coronel

reformado Carlos Brilhante Ustra, reconhecido torturador da ditadura militar brasileira (1964-1985).

Obstinado, mudou de legenda para concorrer à presidência com políticos de peso, como Ciro Gomes, Geraldo Alckmin e Marina Silva, além do ex-presidente Lula, grande favorito. Sem apoio dos principais partidos políticos, o candidato do PSL (Partido Social Liberal) foi tratado pela mídia tradicional como um azarão na corrida presidencial, apesar de, desde o início de 2018, possuir uma intenção de votos em torno dos 20%, atrás apenas do ex-presidente Lula.¹

Segundo os analistas políticos, a candidatura de Bolsonaro perderia força quando começassem os debates na televisão, as entrevistas aos telejornais e o horário eleitoral gratuito – seu tempo de TV era mínimo. Apostavam que seu estilo de comunicação e ideias radicais não apenas constrangeriam aqueles que pretendiam votar nele, como também afastariam os indecisos. De fato, durante a maior parte da corrida presidencial, ele foi o candidato com o maior índice de rejeição.

Em 11 de setembro de 2018, com a confirmação de que Lula não poderia concorrer ao pleito e a oficialização do nome de Fernando Haddad como cabeça de chapa, pela Executiva Nacional do PT,² já não era mais possível negar que o ex-militar tinha chances reais de vitória. Enquanto Alckmin e Marina Silva perdiam votos a cada dia e Ciro Gomes havia

¹ Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/01/1954686-lula-lidera-intencao-de-voto-sem-petista-bolsonaro-assume-lideranca.shtml>>. Acesso em: 6 fev. 2019.

² Disponível em: www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/09/11/interna_politica,987919/pt-confirma-fernando-haddad-como-candidato-a-presidencia.shtml. Acesso em: 6 fev. 2019.

estacionado em 15%, Bolsonaro voltou a subir nas pesquisas, seguido por Haddad, a uma distância segura. A poucos dias da votação, a dúvida dos especialistas em política, assim como da imprensa, era se Bolsonaro seria capaz de vencer no primeiro turno ou se Haddad teria forças para levar a disputa à segunda etapa do pleito.³

Como as capas das principais revistas brasileiras trataram do fenômeno do bolsonarismo e suas derivações, durante o segundo turno da campanha presidencial de 2018, é o que se poderá encontrar neste artigo.

O bolsonarismo enquanto acontecimento

Nesse contexto permeado por incertezas e surpresas, o bolsonarismo, de fato, se consolidou como um *acontecimento*, irrompendo todas as expectativas, causando fissuras nos quadros esperados (QUÉRÉ, 1995) e “presenteando” jornalistas e cidadãos com uma nova questão a ser debatida a cada dia.

Entendemos como *bolsonarismo* não apenas a posterior chegada de Jair Messias Bolsonaro ao Palácio do Planalto, mas todo o ecossistema que se consolidou durante a disputa que ocorreu no bojo de condições bem específicas: a ascensão, pelo voto popular, de uma política declaradamente ultraconservadora, que busca criar uma constante desconfiança

³ A dois dias do primeiro turno, uma pesquisa divulgada pelo Ibope mostrava que os indecisos ou aqueles que votariam em branco ou nulo, correspondiam a até 22%. Ao mesmo tempo, o candidato mais bem colocado, Jair Bolsonaro, era também o que detinha o maior índice de rejeição. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/05/pesquisas-ibope-nos-estados-veja-evolucao-da-intencao-de-voto-para-presidente-05-10.ghtml>. Acesso em: 4 jan. 2019.

dos veículos jornalísticos tradicionais e do *status quo* político, com amplo uso das chamadas *fake news* (notícias falsas). O bolsonarismo seguiu a cartilha clássica que instaura uma dualidade entre uma figura messiânica, detentora de uma verdade inquestionável e aqueles apontados como os grandes inimigos da nação (no caso, as minorias, a corrupção, o PT, as ideias progressistas). É válido lembrar que tal fenômeno se inscreve em uma onda internacional de caráter autoritário, responsável pela chegada ao poder de figuras populistas de extrema direita, como Donald Trump (Estados Unidos) e Matteo Salvini (Itália).

Ao tratar o bolsonarismo sob a égide do conceito de *acontecimento*, entendemos o termo sob uma perspectiva específica, notadamente encontrada nas visões de Quéré (1995, 2000, 2003, 2005) e França (2012). A fim de completar o quadro conceitual, a noção de enquadramento (ou quadros de sentido), na perspectiva de Goffman (1996, 2002, 2012), também será acionada.

Além de se apresentar à sociedade enquanto um acontecimento, o bolsonarismo se constituiu, sem dúvidas, como um “acontecer coletivo”. Utilizando a categorização de Louis Quéré (1995), o fenômeno atendeu a todos os aspectos que permitiam a ele assim ser tratado: acionou quadros partilhados de experiência, esteve inscrito sob um regime de visibilidade e instaurou um campo problemático público – o que será detalhado na análise à frente.

Foi nesse cenário que o jornalismo tentou dar conta dos sentidos nebulosos que pairavam sobre o país. Entre os atores que se incumbiram dessa tarefa, as revistas foram uma das protagonistas, especialmente a partir do segundo turno das eleições presiden-

ciais. Em suas capas e suas páginas internas, elas tentavam explicar para os seus leitores o que acontecia no Brasil, adotando um ponto de vista que estava afinado com a postura da maioria da imprensa tradicional (televisão, jornais, rádios), tratando Bolsonaro como uma figura bizarra e não merecedora de chegar ao Palácio do Planalto.

A fim de captar parte de tal panorama semântico, este trabalho busca, portanto, analisar as narrativas contadas pelas capas de três revistas brasileiras a partir do acontecimento público “bolsonarismo” e de todos os acontecimentos que dele derivaram durante a corrida presidencial. As publicações elencadas são semanais e de cunho jornalístico: “Veja”, “ISTOÉ” e “Carta Capital”.

O recorte temporal começa na semana imediatamente após a votação de 1º. turno (realizada em 7 de outubro) e se estende até a segunda semana após o 2º. turno (ocorrido no dia 28 do mesmo mês). Entendemos que essa extensão foi necessária porque as revistas publicadas na semana logo após a segunda fase da eleição ou ainda não tinham informado o resultado final (pelo fato de já estarem impressas no momento da divulgação do resultado) ou não tiveram tempo adequado para analisar a repercussão da vitória de Jair Bolsonaro.

“Veja” foi escolhida porque é o periódico do gênero mais vendido do país.⁴ Já “Carta Capital” compõe o *corpus* por possuir uma linha editorial radicalmente oposta à de “Veja”. A inserção de “ISTOÉ” se deu não apenas pela importância da revista, mas por

⁴ Disponível em: www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2018/03/19/apesar-de-queda-geral-revistascresem-digital.html. Acesso em: 4 jan. 2018.

ela apresentar, nos últimos meses, um discurso extremamente mais conservador do que adotava historicamente. Tal mudança de postura chamou nossa atenção e foi decisiva para a inclusão do periódico no *corpus* a ser analisado. As discrepâncias, regularidades e particularidades de tais revistas poderiam revelar um jogo discursivo interessante, fornecendo ricos insumos para o entendimento das narrativas em questão.

Quanto ao método de análise, França e Lopes (2017) fornecem aparatos para transformar o conceito de acontecimento em um operador a fim de orientar a tarefa da pesquisa científica. Entre as opções apresentadas pelas autoras, acreditamos que este trabalho utilizará como ferramental "o poder hermenêutico do acontecimento para busca de sentidos em jogos de temporalidades e enquadramentos" (2017, p. 71). Isso significa buscar entender que horizontes foram abertos por meio das narrativas das revistas e a forma com a qual elas tentaram enquadrar o fenômeno do "bolsonarismo". Como bem explicam as autoras, por meio desse método, o pesquisador "buscará perceber os sentidos em circulação, suas variações, formatações e contradições, analisando o que eles revelam sobre o acontecimento em si e, a partir dele, o que apresentam da sociedade" (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 77).

Sabemos que os acontecimentos ultrapassam o campo midiático. Porém, analisaremos esse acontecimento público por meio das narrativas contidas apenas no nosso *corpus*, ou seja, pela ótica das revistas, com o objetivo final de fornecer contribuições para a análise comunicacional. Não se pode negar também que o alcance e o poder de afetação do bolsonarismo se deram graças à ampla midiatização do acontecimento – mas não somente por ela, é necessário ter sempre em mente.

Termina o primeiro turno

A tríade inicial de revistas analisadas foi impressa e veiculada no dia 10 de outubro, portanto, logo após o resultado final das eleições do primeiro turno (realizado no dia 7 do mesmo mês). Nesse material, vamos perceber o começo de uma prática que se repetirá até o final do segundo turno: a desqualificação dos candidatos ao pleito – apenas “Carta Capital” irá investir, em algumas capas, na qualificação do candidato Fernando Haddad (PT).

A edição número 2603 de “Veja” apresentou ao leitor uma capa em que havia duas mãos com cores distintas. A mão pintada de vermelho faz um gesto que lembra a letra “L”, uma referência direta a Lula e indireta ao Partido dos Trabalhadores (PT). Essa mão representa o candidato Fernando Haddad – não é coincidência que ela está situada à esquerda da página, como podemos ver a seguir.

Imagem 1 – capas das revistas veiculadas em 10 de outubro de 2018

Fonte: Elaboração própria, a partir do arquivo pessoal dos autores.

Já a mão azul, situada à direita na página, representa o candidato de tendência política oposta, Jair Bolsonaro, cuja postura agressiva, vinculada a temas como o armamento da população e o nacionalismo

exacerbado, é representada pela sugestão de que mimetiza uma arma, atirando em direção ao lado “esquerdo” – uma referência que pode ser interpretada como a postura de Bolsonaro contra as políticas progressistas dos partidos desse espectro político, como as ações em defesa da comunidade LGBT, por exemplo.

Ao afirmar, em sua manchete, que existe um duelo, “Veja” retrata a belicosidade da disputa e deixa bem claro que há dois grupos de eleitores bem definidos, ao mesmo tempo em que desqualifica ambos, afirmando que a radicalidade de ideias dos candidatos constitui um “risco de retrocesso ao país”. A semântica visual (armas) acompanha a semântica escrita (duelo) que remete também aos duelos dos filmes norte-americanos sobre o Velho Oeste, simbolizado no imaginário dos espectadores como uma terra “sem lei”.

A partir desse momento até o final do segundo turno, “Veja” não estampará mais, em suas capas, críticas a Haddad, e concentrará seus esforços em desqualificar Bolsonaro, alertando seu leitor para o perigo que significaria sua vitória.

Já a capa da edição de número 1.024 de “Carta Capital” (imagem1), em preto e branco, destaca as meias faces dos dois principais candidatos à presidência do Brasil – prontos para o duelo final. Do lado esquerdo, está Haddad, do lado direito, Bolsonaro. A escolha não foi aleatória: cada um está posicionado de acordo com seu espectro político. Além disso, a meia face de Bolsonaro é apresentada com uma iluminação frontal dura, que lhe dá um ar severo.

Já a meia face de Haddad tem uma iluminação lateral mais difusa, com áreas em que a passagem da luz para a sombra é suave. Sua expressão é sé-

ria, transmitindo certa confiança. Seu lábio superior, ligeiramente arqueado, lhe confere uma expressão amigável. Ao lermos a manchete, o posicionamento da revista se torna bastante claro e coerente com seu histórico editorial. De acordo com a publicação, a eleição de Bolsonaro serviria aos interesses capitalistas patronais e com a disseminação do ódio contra as minorias.

O número 2.546 de “ISTOÉ” (imagem 1) não faz referência direta ao candidato do PSL. O rosto de Haddad surge sozinho contra um fundo escuro, recebendo iluminação direta – o que lhe dá destaque e acentua sua expressão de preocupação, marcada pela contração dos músculos próximos à boca. O texto elenca uma série de dados negativos sobre o candidato do PT, em uma tentativa de desqualificá-lo. O título avisa que Haddad possui 32 processos judiciais e faz a pergunta em maiúsculas e na cor amarela: “é isso mesmo que você quer?”

Rumo ao segundo turno

O momento em que a segunda tríade de revistas chega às bancas coincide com uma nova fase das eleições 2018. Naquele momento, 17 de outubro, os veículos de comunicação passaram a adotar posições mais radicais sobre a biografia e posição dos dois candidatos que disputariam o segundo turno. A possibilidade real de vitória de Jair Bolsonaro despertou, junto a diversos sujeitos sociais (principalmente, a imprensa tradicional), a necessidade de esclarecer aos seus leitores quais seriam as consequências (negativas) de sua vitória. As revistas tentavam, agora em tom mais incisivo, fornecer sentidos ao bolsona-

risimo, já que o “acontecimento adquire sentido e definição por meio das interpretações daqueles que são por ele afetados, os quais buscam elementos em um quadro de sentidos que configura um mundo em comum” (MARQUES, 2012, p. 146). Nessa nova fase, as publicações subiram o tom da crítica: o fator “tempo” pesava ainda mais na disputa de sentidos sobre o bolsonarismo.

Como exemplo dessa postura, podemos ver a revista “Veja” (imagem 2) retratando Bolsonaro com uma expressão séria, polegar e indicador em riste, sugerindo a forma de uma arma de fogo. O gesto se tornou uma espécie de símbolo da sua campanha, pois aludia ao seu jeito “truculento” e à sua defesa pelo armamento da população. Na capa, ele “aponta seus revólveres” para o leitor.

Imagem 2 – capas das revistas veiculadas em 17 de outubro de 2018

Fonte: Elaboração própria, a partir do arquivo pessoal dos autores.

A composição dialoga com o cartaz de recrutamento (1914), utilizado pelo governo inglês durante a Primeira Grande Guerra, como forma de incentivar o alistamento militar, e imortalizado pelo governo norte-americano três anos depois com o mesmo fim: uma figura masculina com expressão séria, representan-

do o Estado, aponta o dedo para o leitor do cartaz, convocando-o a assumir suas responsabilidades com seu país (imagem 3). Naquele contexto, isso significava lutar na guerra (GINZBURG, 2014).

Imagem 3 – comparação entre a capa de “Veja” e o famoso cartaz convocatório.

Fonte: Elaboração própria, a partir do arquivo pessoal dos autores.

A fusão de um ícone da memória coletiva (“Tio Sam”) com a imagem de Bolsonaro vestindo a faixa presidencial e a boina do exército pode ter como finalidade chamar a atenção do leitor para o vínculo do candidato com os Estados Unidos e com as Forças Armadas, além de, indiretamente, convocar o público a “se alistar” contra a possível ascensão do bolsonarismo.

A capa de “ISTOÉ” trouxe a imagem do candidato do PSL em um close bastante fechado e prometeu explicar ao leitor por que ele teve tamanha projeção nas urnas, no primeiro turno: o crescimento (ou o ressurgimento) de uma parte considerável da comunidade brasileira alinhada aos valores e posições radicais à direita. Como na capa de “Veja”, a capa de “ISTOÉ” manuseou, discursivamente, o passado e o futuro com

o objetivo de entender e explicar o presente. Na capa de "Veja", a aproximação imagética com um ícone estadunidense e com símbolos militares, que remetem também à ditadura, evoca signos memorialísticos a fim de associar/sugerir uma conotação de "medo" à possível vitória de Bolsonaro. Já em "ISTOÉ", a manchete "Será isso mesmo?" e a chamada subsequente⁵ projetam, para o leitor, um futuro incerto no que diz respeito à própria ordem nacional.

De modo diferente das outras duas revistas, que trouxeram a figura solitária de Bolsonaro, o número 1.025 de "Carta Capital" deu destaque a Fernando Haddad, cercado pelas principais lideranças da esquerda naquele momento: Ciro Gomes, Guilherme Boulos e Manuela d'Ávila, sua vice-presidente (imagem 2). Haddad foi apresentado em plano americano, assim como seus aliados, com destaque para seu tamanho (é o maior) e posição (central) que o definem visualmente como a figura mais importante na capa.

A revista ainda alerta para a necessidade da formação de uma frente democrática, apoiada pelos políticos presentes na imagem. Essa equipe lutaria contra os interesses do "Tio Sam" e o predomínio do neoliberalismo. Ao retratar o cenário complexo instaurado pelo acontecimento, a revista busca reforçar seu histórico alinhamento político à esquerda: convoca o público a votar "por uma frente democrática", visto que o presidente Lula, principal representante da esquerda no Brasil, encontrava-se preso naquela ocasião.

A impressão geral é de que a imagem foi executada de maneira displicente, pois a montagem não

⁵ "Com boa vantagem nas pesquisas, Bolsonaro está a um passo de virar presidente. Agora precisa mostrar que é capaz de governar e pacificar o país."

passa uma boa impressão sobre essa frente: *Ciro está sério demais, talvez até constrangido, e Boulos parece ter sido posicionado de uma forma pouco natural, mesmo se tratando de uma colagem. De propósito ou não, essa imagem antecipa características dessa frente: “mal configurada”⁶ e que, efetivamente, acabou não indo adiante, devido, entre outros fatores, à sua fragmentação.*

Neste ponto da análise, vale apenas esclarecer que as diferenças entre as narrativas das capas pesquisadas ocorrem porque os acontecimentos não são lidos de forma uníssona pelos sujeitos sociais. À medida que nos aproximávamos do dia de votação do segundo turno, as revistas materializaram a experiência que tinham até aquele momento com o fenômeno bolsonarismo, por meio de diferentes leituras realizadas pelos sujeitos que compunham seu corpo profissional. Quéré (2005) explica que essa dimensão da experiência, mesmo no âmbito da narrativa, ocorre em função do “poder hermenêutico” do acontecimento: o poder de evocar novos sentidos e descortinar horizontes, que pode ser diferente para cada público ou ator afetado pelo fenômeno.

O que há por trás dos candidatos

Na semana anterior à votação do segundo turno, em meio à tarefa de tornar os fatos compreensíveis para seus leitores, as revistas buscaram alertá-los para aspectos da realidade que eles supostamente desconheciam.

⁶ Do lado direito de Haddad, que ocupa a posição central, está posicionado *Ciro Gomes*, com expressão séria e braços cruzados, sugerindo que está bravo e/ou não muito à vontade. Do lado direito de Haddad, está a candidata a vice na sua chapa, *Manuela d'Ávila* e, atrás dos dois, *Guilherme Boulos*.

Erving Goffman (2012) afirma que estamos em constante processo de interpretação da experiência pública. Na busca por explicações, acionamos “quadros de sentido”. Esse “enfrentamento” ao evento busca afastar nossas incertezas e agir de maneira adequada diante de uma dada situação. Essas duas instâncias (compreender e agir) só são possíveis graças ao processo de enquadramento – conceito trabalhado por Goffman.

Ora, as revistas são meios que possuem legitimidade para suprir os leitores de informações que permitem formar quadros de sentido junto à comunidade da qual fazem parte. Assim, os periódicos procuraram fornecer dados que poderiam mudar enquadramentos difundidos entre a população ou compô-los de acordo com cada interesse editorial. Assim, mediante um acontecimento, as publicações precisaram isolar o evento, conformá-lo, enquadrá-lo. Tal conformação pretende ser guia de leitura para a conduta dos públicos, e configura posicionamentos em uma situação dada. Goffman (2002) ressalta a dinamicidade desse processo, destacando que nossa postura pode mudar durante a interação comunicativa – fenômeno que ele conceitua como *footing*.

Na tentativa de elaborar tais quadros, o número 2.605 da revista “Veja” (imagem 4) veiculou uma ilustração ambígua na qual, à primeira vista, podemos entender como uma estampa de camuflagem, geralmente utilizada para fins militares. Porém, se o leitor mantiver um pouco mais de atenção à composição, poderá perceber que a estampa é constituída não apenas por formas abstratas, mas por silhuetas de pessoas.

Com a ajuda do texto impresso na capa, podemos pensar que as silhuetas formaram um quadro de sentido que não apenas busca representar as Forças Armadas, mas também “os generais de Bolsonaro”, ou seja, aqueles militares que poderão vir a compor o primeiro escalão no novo comando do país. A camuflagem (recurso que faz parte da estratégia e semântica militar) sugere que essa informação é desconhecida daqueles que poderiam vir a votar no candidato do PSL. Dessa forma, a capa de “Veja” procura denunciar a relação próxima entre Bolsonaro e as Forças Armadas, bem como alertar seu leitor para as consequências que essa proximidade traria para o país.

Imagem 4 – capas das revistas veiculadas em 24 de outubro de 2018.

Fonte: Elaboração própria, a partir do arquivo pessoal dos autores.

Já o número 1.026 de “Carta Capital” estampou uma fotomontagem na qual a silhueta de um homem bate continência para a bandeira estadunidense (imagem 4). Essa capa segue a mesma linha de denúncia de “Veja”, pois procura evidenciar ao leitor a relação de subalternização de Bolsonaro à nação norte-americana. Segundo a revista, o candidato do

PSL seria uma espécie de fantoche do governo estadunidense.⁷

A revista “ISTOÉ” do dia 24 de outubro (imagem 4) trouxe na sua capa uma arte que faz referência a uma das mais famosas guerras da mitologia greco-romana, a Guerra de Troia, e à estratégia utilizada pelos gregos para vencê-la: uma estátua de madeira de um cavalo, grande o suficiente para levar guerreiros escondidos e que, enquanto a cidade dormia, abriram o portão para o restante do exército que esperava do lado de fora – daí o significado da expressão “presente de grego”. Na capa de “ISTOÉ”, em primeiro plano, o cavalo que representa o “presente de grego” tem a face de Haddad e, dentro do animal, escondidos, estão os principais líderes do PT. Entre os “guerreiros” do Partido dos Trabalhadores, Lula está à frente, no “coração” do cavalo, seguido de outros nomes forte da legenda: Gleise Roffman, Lindberg Farias, Fernando Pimentel, Dilma Rousseff e José Dirceu. Ao fundo, é possível ver a Catedral de Brasília e o Congresso Nacional, informando ao leitor qual seria a cidade “invadida”: a capital do país.

Como nas outras revistas, “ISTOÉ” denuncia os possíveis problemas que virão “escondidos” com o candidato a presidente – mas nessa publicação, o alvo é Haddad. O petista é enquadrado de forma negativa, como alguém que não será livre para tomar as decisões em que acredita, sugerindo que o político seria um fantoche manipulado por Lula. O texto da chamada continua desqualificando o candidato, afirmando que ele irá trazer de volta a equipe “co-

⁷ A mesma estratégia já havia sido utilizada por “Veja” logo após o 1º. turno, quando a imagem de Bolsonaro foi assemelhada à do “Tio Sam”. Assim, o acionamento dos quadros de sentido é semelhante, como se vê na imagem 2.

mandada pelo prisioneiro Lula, que assaltou o Brasil". O diagrama a seguir resume esse quadro de sentido:

Imagem 5 – diagrama que ilustra a narrativa encontrada na capa de "ISTOÉ" de 24 de outubro.

Fonte: Elaboração própria.

Nas três revistas, os enquadramentos escolhidos naquele momento narram o evento acontecimento pela via da comparação com outras narrativas amplamente conhecidas na sociedade (estampa camuflada, a guerra de Troia, a expressão "Tio Sam" e o imaginário do que seja um "fantoche"). França (2012) explica que os enquadramentos são de fato embasados na bagagem e na cultura de um público. Por isso mesmo, ao formular os *frames* que figuraram nas capas, as revistas utilizaram de recursos narrativos já conhecidos – característica mais forte em "Veja" e "ISTOÉ", e que pode ter potencializado seu entendimento por parte do público. Além disso, a semântica militar acionada tanto pelo texto quanto pelas

imagens em ambos os veículos ajudou a associar o candidato Bolsonaro a essa ambiência.

Cenários futuros

Os acontecimentos em uma sociedade, como já vimos, são capazes de acionar problemas públicos. As três capas da quarta semana analisada parecem chamar a atenção para um quadro problemático que o acontecimento colocava naquele instante da corrida presidencial: ameaça à democracia, ações motivadas puramente pelo ódio, falta de sobriedade entre a população, cegueira generalizada. Segundo Quéré (1995), os problemas públicos suscitam uma ação coletiva que, por sua vez, possui três características: uma semântica tematizadora, o acionamento de diversas entidades (incluindo leitores de uma revista) que possam resolver a questão colocada e a inscrição do evento em uma temporalidade histórica. Veremos como essa ação pública figurou nas narrativas das revistas veiculadas em 31 de outubro de 2018.

Nos dias que antecederam ao segundo turno, sentindo-se confortável com a possível vitória, o candidato do PSL e seu filho mais velho, o senador eleito Flávio Bolsonaro, fizeram declarações públicas fortes, afirmando que perseguiriam e expulsariam do país os seus oponentes, assim que chegassem ao poder.⁸ Em 31 de outubro (imagem 6), as capas das três revistas responderam a essas ameaças, desqualificando ainda mais o candidato, ao mesmo tempo em que admitiam sua provável vitória e previam um futuro negativo para o país.

⁸ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/actualidad/1540162319_752998.html. Acesso em: 24 jan. 2019.

Imagem 6 – capas das revistas veiculadas em 31 de outubro de 2018.

Fonte: Elaboração própria, a partir do arquivo pessoal dos autores.

Na edição 2.606 de “Veja”, a imagem da capa faz referência aos dispositivos de segurança que devem ser quebrados em situações de emergência. Na ilustração veiculada, o item protegido pelo invólucro transparente é uma cópia da Constituição Brasileira de 1988. Com certo humor, a revista antecipa para o leitor um quadro problemático que se instauraria e aponta aquilo que considera como o artefato de segurança a ser utilizado, caso as liberdades democráticas fossem de fato ameaçadas. Se as previsões negativas se concretizassem e Bolsonaro fragilizasse a democracia, a Constituição nos protegerá – é um possível sentido encontrado na capa, resumido pelo diagrama a seguir:

A capa da edição 1.027 de “Carta Capital” mostra Bolsonaro falando ao telefone e sendo filmado por um celular que produz um vídeo a ser veiculado em outro celular (imagem 6). A ilustração brinca com o *miseenabyme*, termo francês que pode ser traduzido como “narrativa em abismo” e se refere a textos que contêm outros textos dentro de si. No caso, temos uma imagem de celular que possui dentro de si outro celular filmando Bolsonaro falando em um terceiro celular.

Imagem 7 – diagrama que ilustra a narrativa da capa da edição 2.606 de “Veja”.

Fonte: Elaboração própria.

Essa figura se refere à força da dispersão das imagens produzidas com a ajuda de um aparelho celular e o poder de comunicação desse dispositivo – amplamente utilizado na campanha eleitoral, muitas delas para divulgar *fake news*. A crítica a tal fenômeno está na manchete taxativa: “A arma dos imbecis”. Na chamada, “Carta Capital” afirma que o Brasil chega às urnas inspirado em um discurso de ódio e que o leitor de Bolsonaro não está consciente do que faz.⁹

O conjunto de texto e imagem da capa de “Carta Capital” sugere que Bolsonaro vencerá graças às *fake news* divulgadas pela sua equipe e ao seu eleitorado que estaria, naquele momento, cego pelo ódio

⁹ “O Brasil chega às urnas envenenado pelas falsas notícias e pelo discurso de ódio bolsonarista, sem entender o risco a que se expõe.”

ao PT, de maneira que não lhes seria possível realizar uma análise sóbria da realidade.

Já a capa do número 2.549 de "ISTOÉ" (imagem 6) faz referência à famosa cena de Michelangelo na Capela Sistina, em Roma, na qual Deus é representado no momento da criação de Adão. Aqui temos também o uso do humor e de uma metáfora visual para sugerir que Lula (Deus) e seus acólitos¹⁰ foram responsáveis pelo surgimento de um candidato com as características de Bolsonaro – representado como ameaça ao jogo democrático. Com essa mensagem, "ISTOÉ" desqualifica diretamente o PT, especialmente suas principais lideranças e, indiretamente, faz o mesmo com Bolsonaro.

Principalmente em "Veja" e em "Carta Capital", encontramos certo "vocabulário à ajuda do qual nós definimos o caráter problemático das situações ou dos estados das coisas reveladas pelos acontecimentos" (QUÉRÉ, 1995, p. 107).¹¹ Em outras palavras, a semântica utilizada pelos dois veículos trouxe um viés apocalíptico para os leitores: incerteza, ódio, ameaça à democracia estão por vir com Bolsonaro.

Ainda no campo da ação pública colocada pelo acontecimento, "Veja" (imagem 6) convoca as instituições brasileiras e seus leitores para protegerem a Constituição Brasileira, enquanto "Carta Capital" faz uma última tentativa de alertar os indecisos para o que a revista considerava como um governo incerto que colocaria em risco as liberdades democráticas.

¹⁰ Os anjos que sustentam Deus são os principais nomes do PT – os mesmos que já apareceram na capa do Cavalo de Troia da mesma publicação (imagem 4).

¹¹ Tradução livre de "[...] Le vocabulaire à l'aide duquel on définit le caractère problématique des situations ou des états de choses révélés par les événements".

É interessante notar que esse alinhamento se repetiu anteriormente, no dia 8 de agosto, quando “Veja” e “Carta Capital” publicaram capas muito semelhantes, vinculando a figura de Bolsonaro à ditadura e ao autoritarismo.

Voltando a versar sobre a ação coletiva suscitada pelo problema público que poderia ser instaurado pelo bolsonarismo, Quéré (1995) nos explica que ela necessita de uma estrutura de experiência histórica para ser melhor compreendida e validada. Ora, isso significa tematizar o acontecimento (e suas consequências) dentro do quadro de uma experiência histórica, ou seja, de uma bagagem comum vivenciada pelos leitores. As três revistas fazem isso muito bem nessa quarta semana de análise (imagem 6).

“Veja” relembra a “vitória” da direita sobre as “ações autoritárias da esquerda”, enquanto convoca entidades para confrontar a ameaça que está para se concretizar. O periódico dá a impressão de que ainda acredita em um quadro alterável pela ação coletiva, rumo a um futuro mais confortável politicamente, embasado na Constituição. Já “Carta Capital” insere o panorama daquele momento em um fio narrativo linear. As mentiras e o discurso de ódio, na opinião da revista, levaram Jair Bolsonaro à iminente vitória e a um futuro incerto. O periódico deixa implícito que “ainda há saída” e convoca os eleitores a não concretizarem o temido cenário esperado.

De modo diferente de “Carta Capital”, “ISTOÉ” responsabiliza o PT pela vitória de Bolsonaro e pelas consequências que isso acarretaria. A revista constrói a narrativa insinuando que os atos realizados durante os governos Lula e Dilma teriam como consequência a ascensão do bolsonarismo. O ato narrativo aqui é

apresentado com começo, meio e fim – apesar da revista não deixar explícita a ação coletiva que pretende mobilizar.

O que está por trás de Sérgio Moro – tudo se encaixa

Nesse último conjunto do *corpus*, o protagonista foi Sérgio Moro – juiz federal responsável pela operação Lava Jato e prisão de Lula. Por diversas vezes, o magistrado havia dito que não tinha pretensões no campo político. Entretanto, após a vitória de Bolsonaro, no dia 1º. de novembro, anunciou que aceitaria o convite para se tornar um “superministro” do novo governo.¹²

Imagem 8 – capas das revistas veiculadas no dia 7 de novembro de 2018.

Fonte: Elaboração própria, a partir do arquivo pessoal dos autores.

Em “Veja” (imagem 8), o enquadramento mostra Moro em close, vestindo um terno escuro, com a mão “direita” próxima à boca, fazendo um gesto pedindo silêncio (uma censura?). Essa pose pode sugerir seu

¹² Moro assumiu a pasta da Justiça, tendo sob o seu comando a Segurança Pública, a Polícia Federal e o Conselho de Atividades Financeiras (COAF) que monitora toda movimentação financeira suspeita em território brasileiro.

vínculo com a direita conservadora e identificada com Bolsonaro. A imagem séria vai contrastar com o tom irônico da manchete: “A pirueta de Moro”. A chamada¹³ caracteriza Moro como alguém que age de forma arriscada, talvez até imprudente, contribuindo assim para minar sua confiabilidade.

Em “Carta Capital”, a opção de registro visual foi semelhante à de “Veja”, bem como a mensagem veiculada no texto. O objetivo foi o mesmo: minar a imagem positiva que Moro gozava junto à parte da população, especialmente aquela que entendia que o combate à corrupção significaria enfraquecer e prender os principais líderes do PT. Diferente da capa de “Veja”, Moro é apresentado sorrindo (imagem 8), com uma iluminação dura (a luz vindo do lado direito), criando sombras bem marcadas, ao estilo *caravaggiano*. Tal recurso contrasta com a expressão “bonachona” do novo superministro e aumenta o aspecto dramático da cena. No seu peito, um *botton* amarelo, da campanha de Bolsonaro para presidente, acrescenta um tom de humor à cena. Moro ri de nós? Ele ri do povo brasileiro?

“Carta Capital”, assim como “Veja”, procura desqualificar a imagem do juiz, considerado um herói por boa parcela dos brasileiros, dando a entender que ele teria condenado Lula apenas porque estaria “acertado” com Bolsonaro. Nessa narrativa, há uma ressignificação do passado: assim como Moro possuiria segundas intenções ao condenar Lula, o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, também teria sido previamente planejado e todos esses acontecimentos fariam parte de um grande golpe, cujo objetivo seria

¹³ “O juiz faz um movimento temerário e troca a Lava-Jato pela política.”

afastar Lula do poder e tirar o Partido dos Trabalhadores do jogo político.

Já a capa de “ISTOÉ” optou por uma foto em preto e branco mostrando em um close bastante fechado o já eleito Jair Bolsonaro. A foto é cortada ao meio, de maneira que só podemos ver seu lado direito (coincidência?). O outro lado da capa é tomado por uma faixa branca, na qual o título está impresso vazado, ou seja, nos permite ver através da forma. Na fotografia, Bolsonaro leva a mão direita ao queixo, ao estilo da estátua de Rodin conhecida como “Pensador”. Em seu rosto, podemos perceber um sorriso mefistofélico: a sua face da vitória.

Nessa última semana de análise (imagem 8), percebe-se a tentativa de continuar dando destaque à relação entre a vitória de Bolsonaro e o futuro do Brasil, visto com mais proeminência em “ISTOÉ”, mas com marcas também nos outros dois veículos. Trata-se de um fato cercado muito mais por perguntas (e medo) do que por respostas.

Ao falar das nossas representações na vida cotidiana, Goffman (1996) cunha os termos “fachada” e “fundo”. O primeiro se refere a tudo aquilo que colocamos em destaque no momento da interação e o segundo englobaria as características que não queremos que sejam reveladas naquele instante. Esses dois aspectos são móveis, articulados e mudam de interação para interação.

No caso das revistas, percebemos que as críticas diretas e indiretas a Bolsonaro, a Lula e ao PT compuseram as fachadas das narrativas nos três veículos. A desqualificação dos políticos apareceu de forma explícita nas três publicações, assim como a desqualificação do PT figurou amplamente em “Veja” e em

"ISTOÉ". Especificamente sobre essas duas revistas, outros aspectos relacionados ao PT e à atuação de seus líderes foram deslocados para o fundo da conversação midiaticizada, como por exemplo, as controvérsias que envolveram a prisão do ex-presidente Lula.

Sobre o último conjunto de capas (imagem 8), especialmente em "Veja" e em "Carta Capital", percebemos que outros elementos que estavam anteriormente no fundo vieram agora à tona, dando novos contornos à fachada. O elemento que assume o lugar principal da conversação é a crítica ao juiz Sérgio Moro. Na imprensa, continuou evidente o clima de medo do que viria, especialmente com relação às posições e atitudes de Bolsonaro associado aos militares. A volta das Forças Armadas ao poder traz à memória um passado recente, em que a repressão e o autoritarismo fizeram parte do cotidiano de boa parte da população brasileira durante o governo ditatorial de 1964 a 1985.

No cabeçalho de "Veja", é mencionado o episódio da invasão das universidades pela polícia. "Carta Capital" cita o confuso caminho econômico do governo de Bolsonaro. Mas é em "ISTOÉ" que o temor fica mais evidente, com a manchete "O ambiente, as expectativas e o clima de medo do país que ungiu o presidente Jair Messias Bolsonaro".

O uso do verbo "ungir" (semântica religiosa) não foi em vão quando a revista deixa explícito o nome do meio do presidente eleito "Messias". Uma das possíveis intenções é revelar que o Brasil ungiu o político com uma fé quase cega – restando agora, esperar pelas consequências que a publicação classifica, implicitamente, como negativas. A utilização da semântica religiosa também pode estar relacionada com a forte ligação de Bolsonaro às igrejas evangélicas, tema que em momento algum foi explorado pelas capas das revistas – ficou na região do fundo.

Por fim, após analisadas as cinco semanas, elaboramos um quadro que nos ajuda a entender a dinâmica das narrativas e uma parte do mosaico de sentidos encontrado nas capas dos periódicos elencados.

Quadro 1 – Síntese dos enquadramentos encontrados nas revistas analisadas.

Semana	VEJA	CARTA CAPITAL	ISTOÉ
1	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação dos dois candidatos: radicais (retrocesso) – Vincula Haddad a Lula e Bolsonaro ao armamento da população 	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Bolsonaro (vinculado aos padrões e ao ódio) – Qualificação de Haddad: volta do PT/Lula 	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Haddad: ficha suja
2	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Bolsonaro: perigo por ser violento e alinhado aos EUA 	<ul style="list-style-type: none"> – Qualificação de Haddad: líder da Frente Democrática 	<ul style="list-style-type: none"> – Alerta/ Explicação: de onde vem a onda conservadora
3	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Bolsonaro: perigoso (para a democracia) 	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Bolsonaro: fantoche (dos americanos) 	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Haddad: fantoche (de Lula)
4	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Bolsonaro: perigoso (para a democracia) 	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação da vitória: fake news é a responsável pelo resultado 	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação do PT: responsável por tudo de ruim que virá com a eleição de Bolsonaro
5	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Sérgio Moro: insensato. – Indiretamente, desqualificação do governo Bolsonaro 	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Sérgio Moro: desonesto 	<ul style="list-style-type: none"> – Desqualificação de Bolsonaro: implica medo

Fonte: Elaboração própria.

O acontecimento para além das narrativas

Finalizadas as análises, uma reflexão se faz importante neste ponto do texto. Para além de uma visão construtivista, Quéré (2005) argumenta que todo acontecimento ocorre na via da experiência de cada sujeito, com poderes de afetação distintos, individuais ou coletivos, fracos ou fortes, efêmeros ou duradouros.¹⁴

Por essa inscrição no âmbito da experiência, percebemos que, mesmo com um grande esforço de revistas tradicionais para desqualificar o candidato Jair Bolsonaro, as narrativas não tiveram poder suficiente sobre a opinião dos seus leitores, a ponto de evitar que Bolsonaro e seus valores conservadores (para a família) e liberais (para a economia) chegassem ao poder.

Como foi visto nas análises, as revistas trataram o bolsonarismo sob uma ótica negativa, procurando sempre que possível desqualificar (direta ou indiretamente) o candidato e suas ideias. Lembra-se aqui que “ISTOÉ”, além dessa abordagem, também se empenhou na desqualificação do Partido dos Trabalhadores e de seu candidato Fernando Haddad.

Nesse processo, as revistas adotaram diversos recursos retóricos, desde o uso do humor, de referências ao imaginário coletivo e de metáforas visuais que buscaram tornar a comunicação mais atraente e inteligível. Porém, ao que tudo indica, isso não foi suficiente para convencer o eleitorado brasileiro a mudar seu voto – pelo menos a parcela composta pelos leitores dos periódicos.

¹⁴ Qualquer interação pode ter ruídos (GOFFMAN, 2002) e nem todo processo de representação social é infalível. Isso é fácil de compreender nas interações face a face – foco de análise do teórico – mas também é possível de perceber nas conversações entre imprensa e seu público.

Nesse sentido, é preciso também sublinhar que os sujeitos que tiveram acesso às revistas não necessariamente são os eleitores responsáveis pela vitória de Bolsonaro. No entanto, não podemos negar que estamos tratando de publicações protagonistas no cenário editorial jornalístico e não se pode negar a importância histórica delas – e do poder de suas capas – na conversação cotidiana, na formação de opiniões e, evidentemente, na ajuda em leituras de mundo.

Mas, apesar da centralidade do ambiente midiático no debate político atual e da ampla midiatização dos processos eleitorais, existe um corpo interpretativo que pulsa além das narrativas. Essa visão é primordial e precisa ser chave basilar dos estudos comunicacionais – incluindo aqueles que se dedicam a investigar os acontecimentos. Do contrário, cairíamos na inocente armadilha de seguir as perspectivas deterministas e midiacentristas.

Considerações finais

Com regularidades, assimetrias, flutuações, previsões, surpresas e disputas de sentido, o bolsonarismo se apresentou como um acontecimento rico para os estudos em comunicação que se interessam pelo entendimento das narrativas, temporalidades, interações, agenciamentos e ações do sujeito no mundo, especialmente na sociedade brasileira contemporânea.

O acontecimento continuará a se desenrolar, pelo menos, pelos próximos quatro anos, produzindo representações sobre o Brasil que merecerão um olhar atento dos pesquisadores, nos ajudando a entender melhor a sociedade brasileira, os movimentos dos grupos de poder e as disputas de leitura sobre a vida que compartilhamos nesta nação.

Analisar a participação da grande mídia na construção do “bolsonarismo” não é uma tarefa simples. Apesar de grande parte dos meios de comunicação tradicionais ter apresentado uma narrativa na qual Bolsonaro é desqualificado como candidato ao Palácio do Planalto, as articulações anteriormente criadas e veiculadas nos jornais e revistas nos últimos anos (especialmente por “Veja” e “ISTOÉ” – para ficarmos apenas nas revistas de circulação nacional), contribuíram para o resultado do segundo turno das eleições de 2018. Não se pode ignorar que a desqualificação dos governos do PT e sua associação à corrupção, que foram fomentadas por artigos nas páginas dessas revistas há pelo menos dez anos, contribuíram para o fortalecimento de um pensamento ultraconservador de direita e para o descrédito de candidatos associados à esquerda.

O que realizamos neste trabalho, como já dito, foi apenas fotografar instantes desse processo acontecimental, utilizando os conceitos de acontecimento, enquadramento/quadros de sentido para estudar um *corpus* bastante específico, a fim de produzir justamente mais informações que nos ajudem a compreender melhor tal cenário nesse momento histórico.

Após as análises, desenvolvemos a hipótese de que as revistas escolhidas tendem a subestimar a capacidade de análise da realidade e de tomada de decisão dos leitores, o que é algo que merece uma análise mais aprofundada a fim de confirmar ou não essa hipótese. Em caso afirmativo, é interessante apurar por que essa postura parece não ter surtido efeito.

Muito mais do que rotular o bolsonarismo, concluímos que esse acontecimento traz mais perguntas do que respostas. Como se comportarão os principais

sujeitos políticos, que lutas e demandas prevalecerão, de que naturezas serão os outros acontecimentos desse governo? Como os fatos agem no campo da experiência, o que podemos afirmar, por ora, é que o bolsonarismo, muito mais do que evocar públicos contra ou a favor, instaura um quadro problemático que se abre para diversas possíveis novas leituras.

Referências

FRANÇA, Vera. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: _____. OLIVEIRA, Luciana. **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 39-51.

FRANÇA, Vera; LOPES, Suzana Cunha. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 71-87, set./dez. 2017. Disponível em: <www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/138820/137279/>. Acesso em: 24 jan. 2019.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: quatro ensaios de iconografia política. Trad. Federico Carotti, Joana d'Ávila e Júlio Castañon. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). **Sociolinguística interacional**: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 107-148.

_____. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Acontecimento e criação de comunidades de partilha: o papel das ações comunicativas, estéticas e políticas. In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana. **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 143-55.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimen-

to. **Trajectos**. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, Lisboa: ISCTE / Casa das Letras / Editorial Notícias, 2005, p. 59-75.

_____. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, I. (Org.) Prendre place. Espace public et culture dramatique.

Colloque de Cérizy. Paris: Recherches, 1995.

_____. Le public comme forme et comme modalité d'expérience.

In: CEFAL, Daniel; PASQUIER, Dominique (Org.). **Les sensus du public:** publics politiques, publics médiatiques. Paris: Presses Universitaires de France, 2003, p. 113-134.

_____. L'individualisation des événements dans le cadre de

l'expérience publique. In: BOURDON, P. (Org.). **Processus du sens**.

Paris: L'Harmattan, 2000.